

Concorramos ao Campeonato Olímpico de Tiro!

O Brasil teve a honra de ser o campeão mundial de tiro de revólver, na pessoa do Major Guilherme Paraense, que conquistou brilhantemente este título, nas Olimpíadas de Antuérpia, em 1920. Nesta mesma época, o vice-campeão mundial de tiro de pistola foi também um brasileiro, o Dr. Afrânio Costa. Em tiro de armas longas, possui o Brasil numerosos ases: Harvey Vilela, campeão brasileiro de fusil livre (1927, 1928 e 1929) e de carabina reduzida (1927, 1929 e 1931), atualmente um dos mais perfeitos atiradores do nosso país; Eugênio George, campeão de fusil de guerra (1914, 1915, 1916, 1917, 1920); Coronel Flávio Nascimento, campeão desta arma em 1910, 1925 e 1927; ten coronel Zenóbio da Costa, major Dilermando de Assis, Cmt. Geraldo Martins, Cap. Antônio Ferraz da Silveira, Dr. Antônio Guimarães, Antônio Pi-bernat, Ewald Smith, Norberto Schmidt, Armando Pereira Braga, Custódio Marques, Braz Magaldi, Fernando Soledade, Fernandes Bordini, Sebastião Wolff e muitos outros ases, alguns dos quais já afastados deste nobre desporto, mas a maioria ainda **em forma** e capaz de figurar em qualquer **equipe** internacional.

Com tão boa gente, é um dever chamar a atenção das nossas autoridades, antes que seja tarde, para o carinho que devem dar à nossa futura re-

presentação nas Olimpíadas de 1936, em Berlim. Quasi todas as nações europeias, americanas e asiáticas, segundo recentes informes vindos da Alemanha, estão apoiando oficialmente as representações, não só de tiro, mas de todos os desportos, para que elas sejam, de fato, as mais selecionadas de suas respectivas pátrias. Esta advertência tem sua razão de ser. Não faz muito tempo que **nos caterramos** nas Olimpíadas de Los Angeles. Precisamos não ver o nosso Brasil humilhado de novo. Ninguém quer assistir outra vez o fiasco da nossa representação desportiva, que teve seu navio detido em S. Francisco da Califórnia, por falta de pagamento portuário. Não queremos assistir a partida de nossas **equipes**, sem uma direção superior comprovada — não em polémicas jornalísticas, mais ou menos ridículas — mas em uma organização, fruto de nossa competência técnica, moral e intelectual. E isto não se consegue na hora da partida do vapor...

O treinamento consciencioso nessa preparação é um grande fator. Mas o esforço individual somente não basta. Há necessidade de uma unidade de vistas entre as sociedades desportivas e, mais ainda, uma ligação inteligente dessas agremiações com o Governo Federal, para que possamos — não digo vencer — mas, pelo menos, conqui-

tar com dignidade o nome de nação organizada. Não é só o intercâmbio diplomático, comercial, científico e artístico que eleva o nível de um povo; as competições desportivas internacionais concorrem com uma parcela de alto valor neste sentido. Mais que justo, portanto, este apelo.

Que devemos pedir ao Governo? Dinheiro? Isto já nos tem sido dado com boa vontade. Nós é que não temos sabido aproveitá-lo. Precisamos realmente de dinheiro, mas aliado a facilidades de aquisição de bom material nos melhores centros produtores. Para o caso da representação do tiro, seria ótimo que o Governo isentasse de direitos aduaneiros o material que as nossas indústrias não fabricam, especialmente armas e munições apropriadas para esses torneios, pois que, neste assunto, estamos atrasadíssimos.

A propósito, lembra-me aqui um caso interessante. Um grande atirador brasileiro, preparando-se convenientemente para um campeonato de fusil, fez a uma casa suíça, uma encomenda de arma e munições. Dentro de algum tempo, a casa respondeu que "si ele fazia questão absoluta, não poria dúvida em fornecer, mas que a munição

exigida, havia vinte anos não era mais fabricada e considerada hoje obsoleta. E quanto à arma, poderia fornecer coisa muito melhor, o que era demonstrado pelos diagramas de grupamento comparados com os das outras armas..."

A-pesar-dessa inferioridade material, podemos afirmar que os nossos bons atiradores quasi nada ficam a dever aos seus competidores estrangeiros. Basta consultar os arquivos da D. G. T. G. e da C. B. D., onde se vêem os resultados dos nossos concursos.

Si, com verdadeiros **picapáus** e **trabucos** e sem auxílio oficial bem orientado, temos conseguido boa colocação no meio internacional, imagine-se o dia em que os nossos dirigentes se resolverem a colaborar e auxiliar os nossos atiradores: seremos novamente campeões do mundo, sem dúvida.

Vale aqui salientar os esforços que, neste sentido, tem feito uma das maiores associações desportivas desta Capital — o Fluminense F. C.

É oportuno ainda pôr em destaque a ação dinâmica do Coronel Saião, Diretor Geral do Tiro de Guerra, em prol deste desporto que bem alto tem erguido o nome do Brasil, e do qual muito esperamos.

Capitão HORÁCIO SANTOS

Instrutor da E. E. F. E.